



Poços de Caldas

3º Congresso Nacional de Educação

Formação inicial, continuada e valorização dos profissionais da educação

Resultados de pesquisa

Maria Julia Camargo Bocchio; Filomena Elaine P. Assolini e Letícia Moraes

A DESPROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE NO CONSUMO DE FÔRMA-AÇÃO

Maria Julia Camargo Bocchio

Filomena Elaine P. Assolini

Letícia Moraes

Resumo

Neste trabalho de pesquisa, o qual se deu pelo apoio FAPESP, investigamos a formação continuada de sujeitos professores questionando se esta é articulada a resolver questões estritamente técnicas, ou, se se propõe um exercício de autoria do trabalho pedagógico. Para tanto, utilizamos da Análise de Discurso pecheuxtiana e das ciências da educação. O *corpus* foi composto por entrevistas semiestruturadas com professores e coordenadores do Ensino Fundamental I do estado de São Paulo, bem como, das participações em formações. Os resultados dessa investigação, marcam a formação continuada enquanto mecanismo de imposições/desautorizações, propagando a ideologia neoliberal e sustentando um imaginário docente desprofissionalizado.

Introdução

As formações continuadas oferecidas hordienamente têm suas raízes ideológicas nos anos 90 onde encerram-se novas (rel)ações do mercado com a educação. Com influência dessa lógica, a escola passa a conviver com controle de agentes econômicos, que em busca de lucro, conduzem impositivamente o trabalho docente como pretensa garantia de melhores resultados, materializando-se em treinamentos para avaliações externas e para aplicação de livros didáticos; criando condições de produção desfavoráveis quando buscamos a assunção da autoria pelo professor.

Desse modo, se faz necessário investigar, através da Análise de Discurso pecheuxtiana (AD), como o contexto atual, o qual tem o capital como o princípio das relações, influencia as formações continuadas de professores, se são configuradas nessa trama ideológica desautorizando os sujeitos em seus processos autorais ou não.

Metodologia

O *corpus* da pesquisa é composto por entrevistas semiestruturadas com dez professores e dois coordenadores de escolas do Ensino Fundamental I da rede estadual paulista.

Para tanto valemo-nos da AD e das ciências da educação para desvelar por meio de análises discursivas a maneira como a formação continuada atravessa, compõe e constitui os sujeitos professores, se estes estão inseridos em um contexto de formação ou de fôrma-ação. Assim, o trabalho de analista se encontra na trama do discurso, tentando compreender o tear do simbólico que constitui os sujeitos, e que por sua vez, designam os modos de produzirem sentidos. Para isso, utilizamos do conceito de sequência discursiva de referência (SDR) proposto por Courtine (1982) a fim de destacar dentro do recorte os processos e funcionamento discursivo onde farão emergir a constituição de sentidos.

Desse modo, por meio de pistas linguístico-discursivas analisamos os sentidos, as posições e o contexto sócio histórico ideológico dos sujeitos escolares através do



Poços de Caldas

3º Congresso Nacional de Educação

paradigma indiciário (GINZBURG, 1980) com a finalidade de reconhecer os indícios do discurso.

Resultados e discussão

Ah aprendizado né, porque o estudo do EMAI as vezes nem sempre dá pra você fluir[...] Ai quer dizer quem vai ficar com dificuldade de ensinar vai ser eu então eu acho interessante esse momento da reunião do HTPC do estudo do EMAI né. (Sujeito BG)

Consideramos por meio da AD, que o sujeito poderia utilizar outros significantes, como por exemplo, trocas e vivências, mas, devemos lembrar que a escolha por *aprendizado*, enquanto consequência do estudo do EMAI, não se deu por um acaso e nem de maneira aleatória, isso está atrelado à posição que o sujeito assume dentro de um contexto sócio histórico. Isto é, imerso em condições de produção onde o professor deve executar as atividades propostas, acaba sendo capturado pelo sentido de formação o qual espera-se (no sistema da rede) que aconteça.

Em vista disso, percebemos que o significante *aprendizado*, nessa formação discursiva (FD), nos possibilita entender a posição que os sujeitos professores assumem nas formações, que é de aluno, onde há alguém mais experiente, que ensinará como realizar o próprio trabalho, pressupõe-se uma relação hierárquica, dado o lugar que o educando ocupa na escola tradicional. Dessa forma, essa tomada de posição disponibiliza para o sujeito professor outros discursos, outras maneiras de lidarem com o coordenador e inclusive de se colocarem nos momentos de formação.

Esse fato nos traz indícios de como a formação continuada não está estruturada a fim de promover a troca e o diálogo, nem de constituir um coletivo fortalecido e identidades atravessadas pela imagem de um sujeito autorizado. Mas sim de fortalecer relações distantes e hierarquizadas, sendo que, “a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando”(NÓVOA, 1992, p.14) oferecendo assim, condições de produção desfavoráveis.

Na próxima SDR “o estudo do EMAI as vezes nem sempre dá pra você fluir” enfatizamos a tomada do significante EMAI em detrimento ao estudo da matemática, aqui há uma metáfora que concebemos como a “tomada de uma palavra por outra” (LACAN, 1966), nos termos discursivos, esse efeito metafórico, não provoca a simples substituição de uma forma material por outra, mas principalmente, o deslize de sentidos e de FDs.

O efeito metafórico, portanto, estabelece-se enquanto condição do sentido (PÊCHEUX 2014) e é o que nos permite observar a ideologia atuando nas tramas do sujeito, pois, “[...] é lugar da invenção, da interpretação, da ideologia, da historicidade.” (ORLANDI, 2016, p.105) uma vez que, a substituição é imprescindível para o sentido e seus deslizos.

Logo, há tomada e mudança de posição quando o sujeito atribui o significante EMAI no lugar de matemática. Temos assim, a FD na qual se reconhece a hegemonia do material e sua autoridade, vinculando-se a uma formação ideológica a qual compreende o ato de formar-se enquanto técnico, próprio do neoliberalismo, onde o sujeito se constitui enquanto parte de um sistema que deve funcionar a todo custo.

Aqui conseguimos observar como o professor se relaciona com o saber, que no caso vem do livro de matemática EMAI, com esse dito o professor silencia a



Poços de Caldas

3º Congresso Nacional de Educação

problematização e o deslocamento, deixando a nível da enunciação, o desvelar de seu processo de constituição intrincado em seu fazer. Isto é, a atividade a qual se refere, age sobre o sujeito delineando uma projeção imaginária de superioridade, restando ao professor entendê-la seguramente para aplicá-la, assim como confessado na SDR “quem vai ficar com dificuldade de ensinar vai ser eu”, apagando do sujeito professor sua história de formação e desenvolvimento profissional e seus saberes.

O fazer, nessas condições de produção, restringe-se ao ato de aprender o material, já que é base para que o ensino ocorra. Toda possibilidade de humanização, de problematização fecha-se. Assim sendo, o sucesso ou insucesso do trabalho docente é medido pelo “ensino” do material, das atividades. E nesse sentido, o sujeito professor é o único responsável por isso, marcando o eu como sujeito incumbido por compreender seu guia a fim de que o produto seja alcançado. Nesse contexto, dificulta-se a tomada de posição dos sujeitos e não favorece o desenvolvimento profissional uma vez que é necessário a “produção de saberes e de valores que dêem corpo a um exercício autônomo da profissão docente.” (NÓVOA, 1992, p.14)

Conclusão

Percebemos, portanto, que o espaço de formação continuada opera esvaziando o fazer docente, o que nos mostra a sua constituição ideológica neoliberal, fazendo reverberar sentidos desprofissionalizantes a respeito do ser professor. Isso, indubitavelmente, provoca a expropriação do sujeito de um fazer que o constitui, bem como, a possibilidade de reflexão e posicionamento.

Desse modo, não se constitui em condição de produção favorável quando buscamos o fortalecimento do imaginário docente construído nas esferas autorais do sujeito professor. Já que busca a homogeneização e a cristalização do fazer e, desautoriza-o a assumir as rédeas da profissão.

Referências:

COURTINE, J. **Définition d’orientation théoriques et construction de procédures en analyses de discours. Philosophiques.** p.9: 239-264, 1982.

GINZBURG, C. “Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário”, In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Trad. Frederico Carotti. São Paulo, SP: Companhia de Letras, 1980. p.143-179.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. IN: NÓVOA, A. (org.). **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ORLANDI, E. P. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia.** 3ª ed. Campinas SP: Pontes, 2016.

PECHÊUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio.** 5 ed. 1 reimpressão. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.